



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA-UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JULIANA DE LIMA PEREIRA

POTENCIAL TURÍSTICO DO VALE DOS DINOSSAUROS - SOUSA - PB

**CAJAZEIRAS - PB
2017**

JULIANA DE LIMA PEREIRA

POTENCIAL TURÍSTICO DO VALE DOS DINOSSAUROS - SOUSA - PB

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado à Unidade Acadêmica de Geografia – UNAGEO, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Henaldo Moraes Gomes

**CAJAZEIRAS – PB
2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

P436p Pereira, Juliana de Lima.
Potencial turístico do Vale dos Dinossauros - Sousa - PB / Juliana de
Lima Pereira. - Cajazeiras, 2017.
48f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Me. Henaldo Moraes Gomes.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2017.

1. Turismo - Vale dos Dinossauros. 2. Turismo - Sousa-PB. 3.
Potencial turístico. 4. Patrimônio paleontológico. 5. Serrote do Pimenta -
Sousa-PB. 6. Serrote do Letreiro - Sousa-PB. 7. Turismo - Paraíba. I.
Gomes, Henaldo Moraes. II. Universidade Federal de Campina Grande.
III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 338.48(813.3)

JULIANA DE LIMA PEREIRA

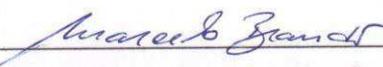
POTENCIAL TURÍSTICO DO VALE DOS DINOSSAUROS - SOUSA - PB

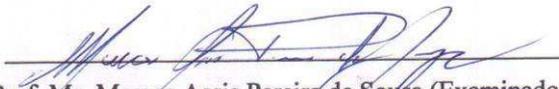
Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia, a comissão julgadora do Curso de Geografia do Centro de Formação de Professores - Campus Cajazeiras-PB da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovada em: 12/09/2017


BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Henaldo Moraes Gomes (Orientador)
Unidade Acadêmica de Geografia - UNAGEO
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG


Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão (Examinador)
Unidade Acadêmica de Geografia - UNAGEO
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG


Prof. Ms. Marcos Assis Pereira de Sousa (Examinador)
Unidade Acadêmica de Geografia - UNAGEO
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

CAJAZEIRAS - PB
2017

RESUMO

O presente trabalho tem como título: Potencial Turístico do Vale dos Dinossauros - Sousa- PB e como objetivo, analisar o potencial turístico presente na referida área. Para alcançar o objetivo proposto foi utilizada a seguinte metodologia: pesquisa bibliográfica, através da análise de trabalhos de outros autores que abordaram a temática e a pesquisa de campo que permitiu conhecer a área e procurar respostas para o que se investigava. Foram estudados os sítios paleontológicos: Passagem das Pedras, Serrote do Pimenta e Serrote do Letreiro e como resultado foi verificado um potencial turístico não só para o desenvolvimento do turismo paleontológico como também para o turismo arqueológico.

Palavras-chave: Potencial turístico. Patrimônio paleontológico. Pegadas de dinossauros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização de Sousa – PB.....	19
Figura 2: Localização dos Sítios Paleontológicos.....	31
Figura 3: Trilha de pegadas de dinossauros.....	32
Figura 4: Portal de acesso ao Monumento Natural.....	32
Figura 5: Museu.....	33
Figura 6: Réplica de dinossauro.....	33
Figura 7: Casa do pesquisador.....	34
Figura 8: Bovinos pastando no Monumento Natural.....	34
Figura 9: Pegadas de dinossauro.....	35
Figura 10: Pegadas de dinossauro.....	36
Figura 11: Erosão da pegada de dinossauro.....	36
Figura 12: Erosão do afloramento onde se encontra as pegadas.....	37
Figura 13: Pegada de dinossauro com escavação incompleta.....	37
Figura 14: Vestígios paleontológicos ao lado de vestígios arqueológicos.....	38
Figura 15: Inscrição rupestre ao lado de pegada de dinossauro.....	39
Figura 16: Acúmulo de lixo próximo ao acervo.....	40
Figura 17: Pegada em alto relevo.....	41
Figura 18: Inscrição arqueológica.....	41

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	06
2. REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO.....	07
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	07
2.1.1 Turismo Sertanejo.....	08
2.1.2 Geoturismo.....	10
2.1.3 Ecoturismo.....	11
2.1.4 Turismo Paleontológico.....	11
2.1.5 Turismo Arqueológico.....	12
2.2 METODOLOGIA.....	16
3. CARACTERIZAÇÃO DE SOUSA E DO VALE DOS DINOSSAUROS – PB....	19
3.1 SOUSA – PB.....	19
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS – PB.....	20
4. PALEONTOLOGIA, ARQUEOLOGIA E TURISMO.....	23
4.1 PALEONTOLOGIA E TURISMO PALEONTOLÓGICO NO MUNDO.....	23
4.2 PALEONTOLOGIA E TURISMO PALEONTOLÓGICO NO BRASIL.....	24
4.3 PALEONTOLOGIA E TURISMO PALEONTOLÓGICO NA PARAÍBA.....	26
4.4 ARQUEOLOGIA E TURISMO ARQUEOLÓGICO NO MUNDO.....	27
4.5 ARQUEOLOGIA E TURISMO ARQUEOLÓGICO NO BRASIL.....	27
4.6 ARQUEOLOGIA E TURISMO ARQUEOLÓGICO NA PARAÍBA.....	28
5. POTENCIAL TURÍSTICO DO VALE DOS DINOSSAUROS - SOUSA – PB.....	30
5.1 PASSAGEM DAS PEDRAS.....	31
5.2 SERROTE DO PIMENTA.....	35
5.3 SERROTE DO LETREIRO.....	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

O turismo na atualidade é visto como uma atividade de destaque no mundo e apresenta uma diversidade de modalidades turísticas, a exemplo do turismo paleontológico que é uma modalidade em expansão, pois possui um grande acervo espalhado por diversos países do mundo, dentre eles, o Brasil.

Nesse contexto, tem como atrativo turístico, os registros pré-históricos deixados a milhares de anos por espécies já extintas, esse patrimônio explorado pelo turismo planejado, gera desenvolvimento em todas as escalas geográficas, seja ela local, regional e global. Nesse sentido, percebe-se que o turismo paleontológico poderia ser desenvolvido no Estado da Paraíba, em virtude do patrimônio que apresenta.

Diante disso, o Vale dos Dinossauros – PB se insere nesse acervo paleontológico, com potencial para o desenvolvimento turístico, já que apresenta em sua área de abrangência, pegadas de diferentes espécies de dinossauros, sinais de que esses animais gigantes habitaram a região.

Esse trabalho tem como objetivo analisar o potencial turístico do Vale dos Dinossauros Sousa-PB, para alcançar o objetivo proposto, foi realizada a seguinte metodologia: pesquisa bibliográfica, utilizando documentos científicos como: livros, artigos, teses, pesquisa de campo, a partir de observação no local, registro fotográfico e mapeamento da área de estudo.

Portanto, a pesquisa encontra-se estruturada da seguinte maneira: a introdução onde apresenta a temática pesquisada; o segundo capítulo aborda o referencial teórico – metodológico que pautou-se em autores que abordaram a temática, tais como: Almeida (2006), Barretto (1995), Manzato (2007), Marconi e Lakatos (2003), Rodrigues (2001, 2003), Ribeiro et al. (2011), Seabra (2007), Veloso e Cavalcanti (2007), entre outros, que serviu como embasamento para se chegar ao o objetivo proposto.

O terceiro capítulo apresenta a caracterização da área de estudo como: relevo, vegetação, clima e solo e o quarto capítulo que trata de uma breve exposição do turismo paleontológico e arqueológico no mundo, no Brasil e na Paraíba; o quinto capítulo faz uma análise do potencial turístico do Vale dos Dinossauros em Sousa - PB.

E por fim, faz uma análise da pesquisa como um todo e sugere propostas de ações a serem realizadas na área de estudo, contribuindo para uma melhor preservação e fortalecimento de suas potencialidades turísticas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

O turismo se apresenta como uma atividade complexa que vem sendo investigada por diferentes ciências a mais de dois séculos, passou e passa por mudanças à medida que a sociedade se desenvolve. Ao longo do tempo muitas definições surgiram, muitos questionamentos também, pois este é um fenômeno crescente em diferentes partes do mundo e envolve diferentes fatores da sociedade.

Ao longo da história da humanidade são muitos os debates a respeito do turismo, o seu conceito surgiu no século XVII na Inglaterra, e fazia menção a um tipo especial de viagem, mas bem antes disso, ainda na antiguidade (Grécia e Roma) já existia sinais da atividade turística (BARRETTO, 1995).

Mais tarde, no século XIX, um fato importante contribuiu para a expansão e desenvolvimento do turismo: a 2ª Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra e se expandiu para diversos países e que causou grandes transformações em todo o mundo em diferentes esferas da sociedade. Segundo Paiva (1995, p. 17), “com a Revolução Industrial, o desencadeamento de inovações em nível tecnológico e em nível do processo de trabalho configurariam o fenômeno do turismo de forma organizada e comercial”.

Sendo assim, com o advento da Revolução Industrial, a produção e as relações de trabalho mudaram, conquistas trabalhistas ocorreram, a exemplo das férias remuneradas e a jornada semanal, o que permitiu aos trabalhadores melhores condições de trabalho e de sobrevivência e a possibilidade de viajar, o que antes era destinado apenas para a elite. Avanços significativos também ocorreram nos setores de transportes e de comunicações, enfim é nesse cenário que o turismo passa a atingir novos adeptos e se expande.

Na atualidade o turismo tem sido visto como uma atividade complexa de caráter socioeconômico e cultural com destaque mundial, suas discussões vêm passando por transformações, visando acompanhar a dinâmica da sociedade, por isso surgem diferentes visões sobre o conceito de turismo o que dificulta a sua definição.

Segundo a Organização Mundial de Turismo (2001, p.3), “o turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócio ou outros”. Nesse sentido, o turismo se apresenta como o deslocamento de pessoas pelo espaço,

elas buscam sair do cotidiano pelas mais variadas razões, por um período de tempo que não ultrapasse um ano.

Para Rodrigues (2001, p. 17), “o turismo é incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais”. Segundo a autora, o turismo não se limita a atividade econômica, ele atinge outras esferas importantes da sociedade e se apresenta como um fenômeno complexo, que possui distintas relações e facetas.

De acordo com Cruz (2001, p. 5), o turismo “é antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. Com base nisso, entende-se que a relação estabelecida entre turismo e sociedade é indissociável e que quando o indivíduo pratica a atividade do turismo ele consome espaço geográfico e é nesse contexto de deslocamento, que o turismo cria e transforma o espaço geográfico.

Conforme Torre (1992 apud BARRETO, 1995, p. 13):

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Diante do exposto, percebe-se a dinamicidade do referido conceito, pois abrange desde o deslocamento dos sujeitos, em virtude dos mais variados motivos, até a exigência da não realização de atividades remuneradas durante o período de permanência no local de destino, criando assim, um conjunto de inter-relações sociais e culturais.

2.1.1 Turismo Sertanejo

O Turismo Sertanejo se apresenta como uma modalidade que insere as regiões do interior do Brasil nos roteiros turísticos, essas regiões não costumam ser favorecidas com recursos financeiros de programas governamentais de incentivo ao turismo, é mais comum ser apresentada por seus problemas sociais e naturais. A ausência desses recursos não se justifica pela falta de atrativos turísticos¹, isso ocorre em virtude de políticas centralizadoras adotadas para beneficiar regiões específicas em nosso país, a exemplo do litoral nordestino.

¹“Aquilo que atrai o turista” (BARRETO, 1995, p. 33).

Segundo Seabra (2007, p. 20), turismo sertanejo é “uma atividade de lazer interativa, onde estão presentes o quadro natural, a cultura regional e a inclusão social da população local”. Assim, essa modalidade turística associa diferentes elementos para o desenvolvimento da comunidade, descentraliza o litoral como destino turístico² e apresenta o sertão e suas belezas como atrativo turístico, que preza pela conservação de sua paisagem natural, sua cultura e planeja o desenvolvimento social e econômico do local.

Nas regiões do interior do Nordeste, as tradições culturais são muito presentes no cotidiano dos seus habitantes: festas populares, comidas típicas, literatura de cordel, artesanatos, romarias, procissões, o que permite ao turista³ conhecer e vivenciar as atividades culturais dessas comunidades, de maneira geral, o turista é inserido na cultura local. Acrescenta-se a isso, um rico patrimônio arqueológico e paleontológico, vestígios do passado que despertam interesses das pessoas no presente, esse interesse não se limita apenas aos acadêmicos. Esse conjunto de elementos é imprescindível à proposta do turismo sertanejo.

A paisagem sertaneja se diferencia das demais, não apenas pela sua diversidade cultural, mas também pelas condições ambientais e climáticas bem específicas: apresenta regime de chuvas irregular, temperaturas elevadas na maior parte do ano, clima quente, isso é visto como um fator positivo do ponto de vista turístico, já que no sertão não existe baixa estação, o que possibilita fluxos turísticos o ano inteiro (SEABRA, 2007). Esta porção do espaço geográfico está inserida no mais brasileiro dos biomas, a Caatinga, que possui uma formação vegetal bem definida: plantas de pequeno porte, troncos retorcidos. Essas peculiaridades presentes no interior, também despertam o interesse do turista por essa área e passam a ampliar as potencialidades turísticas da região.

2.1.2 Geoturismo

Geoturismo é uma das modalidades do turismo de natureza⁴, que ainda não é muito debatida no meio acadêmico, pois só em meados da década de 1990 é que o termo passa a ser empregado, por isso são poucas as publicações que abordam a temática, o que não diminui a

² É composto “de produtos turísticos, os quais, por sua vez, se estruturam a partir dos recursos ou atrativos existentes no lugar” VALLS (2006 apud BARBOSA, 2011, p. 27).

³ “Aquele que se desloca para fora de seu local de residência permanente, por mais de 24 horas, realizando pernoite, por motivo outro que não o de fixar residência ou exercer atividade remunerada, realizando gastos de qualquer espécie com renda auferida fora do local visitado” (EMBRATUR, 1992).

⁴ Ecoturismo, turismo ecológico e turismo de natureza são algumas denominações atribuídas às práticas de turismo que estão ocorrendo em áreas naturais (CRUZ, 2001p. 17).

sua importância e contribuição para as pesquisas sobre o patrimônio geológico e pré-histórico de uma determinada área, região ou país.

É importante informar que geoturismo e ecoturismo, não são sinônimos, apenas estão inseridos na mesma modalidade turística, em áreas naturais, e por isso possui suas especificidades. Segundo Nascimento, Schobbenhaus e Medina (2008, p.148):

O geoturismo pode ser definido como o turismo ecológico com informações e atrativos geológicos. Abrange a descrição de monumentos naturais, parques geológicos, afloramentos de rocha, cachoeiras, cavernas, sítios fossilíferos, paisagens, fontes termais, minas desativadas e outros pontos ou sítios de interesse geológico.

Conforme define os autores, geoturismo aborda os registros geológicos deixados na paisagem, que resistiram ao tempo, ou seja, são testemunhos de outrora que retratam fases da história e da evolução do planeta Terra, estes vestígios de recursos geológicos despertam o interesse das pessoas em conhecê-los, sendo assim, podem se apresentar como atrativos turísticos.

O Brasil possui um grande potencial geoturístico, são muitos os cenários geológicos que impulsionam a prática da modalidade. Como exemplo, pode-se verificar nas diferentes formas de relevo, chapadas, serras, morros (Chapada Diamantina (BA), Serra da Capivara (PI)); inúmeros sítios paleontológicos, com destaque para o Vale dos Dinossauros – PB, objeto de análise desta monografia, bem como turismo em cavernas, dentre outras feições geológicas.

2.1.3 Ecoturismo

O ecoturismo se apresenta como um dos segmentos do turismo de natureza, ou seja, turismo realizado em áreas naturais, que busca a conservação dos recursos naturais e da biodiversidade, propondo o uso racional dos mesmos, faz parte da tendência turística que exalta e valoriza a natureza e toda a sua biota. De acordo com o Ministério do Turismo (2008, p. 16):

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Sendo assim, o ecoturismo prega a conservação do meio natural, de maneira sustentável, buscando o equilíbrio entre a natureza e as ações antrópicas, essas práticas são voltadas para a educação ambiental e a manutenção da biodiversidade e dos recursos naturais para as futuras gerações.

Diante da exposição dos conceitos de geoturismo e ecoturismo, percebe-se a diferença quanto ao foco principal de abordagem: a modalidade “ecoturismo” privilegia com mais ênfase o meio biótico (fauna e flora) como atração turística, enquanto que o “geoturismo” valoriza o meio abiótico (formações geológicas) como principal atrativo (NASCIMENTO; SCHOBENHAUS; MEDINA, 2008).

Verifica-se que ambos, cada segmento com a sua contribuição, propõem a conservação da natureza, com suas belezas, riquezas e heranças pretéritas e assim cuidar e valorizar o meio em que estão inseridos.

2.1.4 Turismo Paleontológico

Ampliando a discussão a respeito de tipologias turísticas, a paleontologia passa a ser inserida nesse contexto, pois ela que tem despertado o interesse de um grande número de pessoas, em conhecer detalhes da vida de seres pré-históricos que habitaram o planeta.

Etimologicamente o termo Paleontologia surge do grego (palai=antigo + ontos=ser + logos=estudos), ler-se “estudos dos seres antigos” (SANTOS, 2008a). Assim, desde a origem do termo fica evidente o objeto de investigação da paleontologia, os seres ou os vestígios destes seres, que existiram há muito tempo atrás, podendo ser chamados de pré-históricos ou antigos.

Assim, o turismo paleontológico ocorre em sítios paleontológicos⁵, sendo um segmento turístico que aborda os registros deixados por seres, a exemplo dos dinossauros, que habitaram o planeta Terra ainda na pré-história e já foram extintos a muito tempo atrás, busca a compreensão de acontecimentos e etapas importantes ocorridas no passado e propõe a preservação desse patrimônio, importante para a ciência, para o turismo e para a população em geral. De acordo como Ribeiro et al. (2011, p. 767):

O turismo paleontológico é uma “mistura de informações” sobre os avanços na paleontologia e as ciências naturais com as atividades de lazer, através da

⁵ “Sítios paleontológicos ou sítios fossilíferos são locais onde há ocorrências de fósseis, conhecidos ou não. Um sítio também pode ser considerado como Monumento Natural [...]” (GUIMARÃES, 2000, p. 6).

implantação de museus, geoparques, museus de sítios, visitas aos sítios paleontológicos, entre outros. Assim, o patrimônio paleontológico, através das práticas turísticas, pode ser utilizado como recurso para o desenvolvimento socioeconômico de uma comunidade.

Sendo assim, os autores apresentam o turismo paleontológico, como uma modalidade que se desenvolve em virtude da combinação dos progressos científicos na paleontologia com as ciências da natureza e seus equipamentos voltados para a prática do lazer. Essa integração, voltada para a atividade turística planejada, pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento local, criando ações e políticas conservacionistas do patrimônio paleontológico e gerando emprego e renda para a população, melhorando a qualidade de vida dos mesmos.

2.1.5 Turismo Arqueológico

A princípio faz-se necessário compreender o que se entende por arqueologia que é a ciência que estuda os vestígios deixados pelas civilizações humanas e é justamente este cenário de descobertas, que desperta o interesse de turistas em desloca-se na busca de conhecer o passado de seus descendentes, fortalecendo assim, a prática do turismo.

Para melhor entendimento a respeito, o termo arqueologia surge do grego, e tem origem das palavras *Archaios* (antigo) + *logos* (estudo), o que significa estudo das coisas antigas. Na atualidade, este significado foi expandido “para à ciência que estuda as sociedades atuais ou do passado através de sua cultura material” (SANTOS, 2008b, p. 39). Assim, o conceito de arqueologia é voltado para estudar as sociedades humanas sejam elas atuais ou pretéritas, buscando esse entendimento através da análise da cultura de cada civilização, pode ser através de vestígios ou de artefatos materiais, a exemplo, de utensílios e outros.

Diante disso, a modalidade turismo arqueológico dedica-se a prática da atividade em áreas onde foram encontrados sinais ou artefatos da presença humana ao longo de sua trajetória e evolução, engloba assim, vestígios das primeiras civilizações, bem como, das mais recentes, contribuindo para a compreensão de como e onde viviam esses grupos.

Para melhor entendido a respeito do turismo arqueológico, Manzato (2005 apud MANZATO, 2007, p. 100) diz que:

Consiste no processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados

os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas, passíveis de visitação terrestre ou aquática.

Sendo assim, o turismo arqueológico é direcionado para os sítios arqueológicos que apresentem as condições que permitem a visitação, seja em terra firme ou na água, com isso, os turistas passam a ter acesso a um rico acervo de resquícios da presença humana que retratam através de pinturas em rochas, de utensílios e outros artefatos, sinais de como era a cultura desse grupo de indivíduos.

Com o passar do tempo o patrimônio geológico, paleontológico e arqueológico tem ganhado mais atenção por parte dos pesquisadores e instituições, assim eles passaram a ser alvo de ações e pesquisas que buscam a preservação e valorização dos mesmos. Dentre essas ações é interessante citar a criação de geoparques por iniciativa da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Para Nascimento, Schobbenhaus e Medina (2008, p.156), geoparques:

Envolvem áreas geográficas com limites bem definidos, onde sítios do patrimônio geológico constituem parte de um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável. Essas áreas envolvem diversos [...] locais de interesse do patrimônio geológico-paleontológico de [...] importância científica, raridade ou beleza.

Assim, os autores apresentam a importância dos geoparques em virtude do diferencial presente em sua área delimitada, seja de valor geológico, belezas cênicas, patrimônio paleontológico ou raridades, contribuindo para a proteção e preservação dessas riquezas naturais. É interessante saber que para uma determinada área tornar-se geoparque, ele precisa além de possuir riquezas e/ou belezas naturais, cumprir com uma série de exigências e critérios que fazem parte do processo de inclusão.

Ao abordar o turismo que é uma atividade bem dinâmica e área de interesse de várias ciências, dentre elas a Geografia, é perceptível a ligação entre ambas e fica evidente através da relação com as categorias geográficas: espaço, região, lugar, paisagem e território, com destaque neste trabalho, para as categorias, território e paisagem. Como se sabe, o turismo acontece no espaço geográfico e por isso interfere na sua organização, assim ele vai sendo alterado e conseqüentemente reorganizado, em virtude dessa interferência no objeto de estudo da Geografia surge o interesse em estudá-lo.

Ainda relacionando a Geografia e os estudos turísticos, Rodrigues (2003, p. 94), expõe seu entendimento a respeito de Geografia Turística, que serve:

Como suporte de informação baseada na descrição de lugares e de recursos turísticos ditos naturais [...]. Apresenta um viés naturalista na medida em que privilegia o estudo de ambientes e paisagens “naturais”, desconsiderando as relações sociedade-natureza, que constituem a base da geografia social.

Sendo assim, a Geografia Turística convém apenas à descrição dos lugares e dos recursos turísticos, proporcionando uma visão naturalista, pois prioriza os ambientes naturais em seus estudos, sem inserir a relação existente entre a sociedade e a natureza, com isso não analisa ou interpreta o fenômeno.

Na concepção de Santos (2012, p.103), a paisagem “é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Para o autor, a paisagem é a exposição de uma série de feições que resultam das contínuas relações que ocorrem entre o homem e a natureza e dessa inter-relação percebe-se elementos do passado e da atualidade compondo a paisagem.

A paisagem é uma construção temporal e para o turismo ela é vista como um atrativo turístico, objeto de contemplação de suas belezas e análise dos elementos que a compõe, ela desperta o interesse e a curiosidade das pessoas para deslocar-se e conhecer uma determinada área ou local, acrescenta-se a isso uma infraestrutura⁶ que permita a estadia dos visitantes.

Outra categoria geográfica pertinente a discussão nesse trabalho é o território, segundo Souza (2007, p. 84):

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”). E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis [...] mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e, por tabela, com o poder controlador desse território.

Para o autor, o fato de ocupar o território gera raízes e identidade e por isso nenhum grupo pode ser analisado sem o seu território, essa construção sociocultural é interessante para

⁶ Conjunto de edificações, obras e serviços públicos que garantem o mínimo conforto [...]. A infraestrutura turística é constituída pela soma de: Infraestrutura de acesso (estradas, aeroportos, etc.); Infraestrutura básica urbana (ruas, iluminação pública, etc.); Equipamentos turísticos (alojamentos, agências, etc.) e equipamentos de apoio (hospitais, etc.) (BARRETTO, 1995, p. 39).

a prática do turismo, pois os grupos tendem a buscar a manutenção da identidade local, preservando seus recursos naturais e culturais.

De acordo com Sales (2010, p. 282), “o território [...] deve ser amplamente utilizado nas pesquisas em turismo, por tratar de questões referentes aos aspectos que enfatizam uma determinada localidade, especialmente no que tange a cultura e o patrimônio histórico”. Assim, o autor orienta a utilização da categoria geográfica território, nos estudos voltados para o turismo, por levantar questões inerentes a uma área específica, abordando conteúdos diversos, com destaque para a cultura e patrimônios de cunho histórico, o que fortalece a identidade sociocultural local.

Levando em consideração a proposta de fazer o levantamento do potencial turístico de uma determinada área, é indispensável compreender o que se entende por sua definição:

Potencial turístico pode ser entendido como a existência de condições objetivas favoráveis da oferta turística, dos aspectos normativo-institucionais e de outros fatores complementares capazes de viabilizar, por meio do adequado planejamento, uma exploração turística sustentável destinada a satisfazer uma demanda atual ou latente (ALMEIDA, 2006, p. 215).

Diante disso, para avaliar o potencial turístico é preciso identificar um conjunto de fatores e recursos que apresentem condições favoráveis, para que através de pesquisas e do planejamento bem executado, possam contribuir para o desenvolvimento da atividade turística e que atendam a demanda⁷ vigente.

2.2 METODOLOGIA

Para a execução desta monografia que tem como objetivo analisar o potencial turístico do Vale dos Dinossauros Sousa – PB buscou-se fundamentar em autores procedimentos metodológicos que viabilizassem a pesquisa.

Segundo Gil (2002, p.17), a pesquisa é um “procedimento racional sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”, portanto, ela é organizada dentro de uma série de ações lógicas a serem seguidos, buscando obter respostas para o assunto investigado, gerando assim, novos conhecimentos.

⁷ Demanda em turismo é uma compósita de bens e serviços, e não demanda de simples elementos ou de serviços específicos isoladamente considerados; em suma, são demandados bens e serviços que se complementam entre si (BENNI, 2004, p. 211).

Já, quanto ao método, Marconi e Lakatos (2003, p. 83), o definem como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Assim, o método é uma sequência de etapas que tem sua sistematização própria e busca ajudar o cientista a alcançar uma determinada finalidade e com rigor científico.

Quanto ao ponto de vista de Prodanov e Freitas (2013, p.52), A pesquisa descritiva diz que: “[...] o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” Deste modo, o tipo de pesquisa em questão não utiliza manipulação do pesquisador sobre os fatos, ele somente descreve e analisa o que foi observado.

Levando em consideração a sua natureza, esta é uma pesquisa qualitativa, pois o local, objeto de estudo é a base direta para coletar dados; retrata os elementos presentes na realidade em análise; interpreta os fenômenos; não adota dados estatísticos para explicar os fatos ou fenômenos (PRODANOV e FREITAS, 2013). Assim, leva em consideração a vivência do pesquisador *in loco*, suas interpretações e análises que relatam os fatos, sem buscar explicações fundamentadas na matemática ou estatística.

Para a execução deste trabalho foram aplicadas técnicas que conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 174), são entendidas como “um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; [...]. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”. Portanto, técnicas são procedimentos que uma determinada ciência faz uso para conseguir alcançar o resultado desejado.

Sendo assim, nesta pesquisa foi realizada no primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica em trabalhos que abordavam a temática em questão, com o objetivo de buscar termos e conceitos relevantes ao desenvolvimento da pesquisa. Assim, Marconi e Lakatos (2003, p. 183), compreendem pesquisa bibliográfica como “toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: [...] e audiovisuais: [...]”. Diante disso, para a realização desta pesquisa, foram utilizados livros pertencentes à biblioteca do CFP-UFCG, ao arquivo do orientador e ao meu arquivo pessoal; artigos, teses, revistas e outros materiais disponibilizados em meio eletrônico.

Outra etapa não menos importante foi a pesquisa de campo *in situ*, quanto ao seu entendimento, Marconi e Lakatos (2003, p. 186), explicam que “é [...] utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Sendo assim, a pesquisa de campo é uma fase que apresenta contribuição significativa para a investigação, pois permite conhecer a área de estudo, com o intuito de buscar resposta ao que se questiona, de fazer novas descobertas e ainda permite conhecer a realidade local, essa vivência facilita a descrição da área ou do fenômeno abordado na pesquisa.

Durante a pesquisa de campo deste trabalho que ocorreu nos meses de junho e julho do ano de 2017, foi realizado o registro fotográfico, a observação direta da sinalização, acesso e manutenção dos sítios paleontológicos estudados, bem como a identificação das coordenadas geográficas dos referidos sítios, através do aplicativo C7 GPS Dados.

As coordenadas identificadas em campo foram utilizadas posteriormente, para a elaboração do mapa que localiza os sítios paleontológicos analisados, vale salientar que os mapas presentes nesta monografia foram feitos no programa de Sistema de Informação Geográfica, chamado de QGIS versão 2.14. Para melhor compreensão, a respeito da observação em campo, faz-se pertinente esclarecer que:

Na observação, são aplicados atentamente os sentidos a um objeto, a fim de que se possa, a partir dele, adquirir um conhecimento claro e preciso. [...] deve ser exata, completa, imparcial, sucessiva e metódica, pois constitui-se em um procedimento investigativo de extrema importância na ciência (PRESTES, 2012, p. 35).

Diante disso, a observação é uma das importantes técnicas utilizadas para coletar dados, que prioriza o uso dos sentidos, objetivando obter o conhecimento com o máximo de clareza, neutralidade e sistematização.

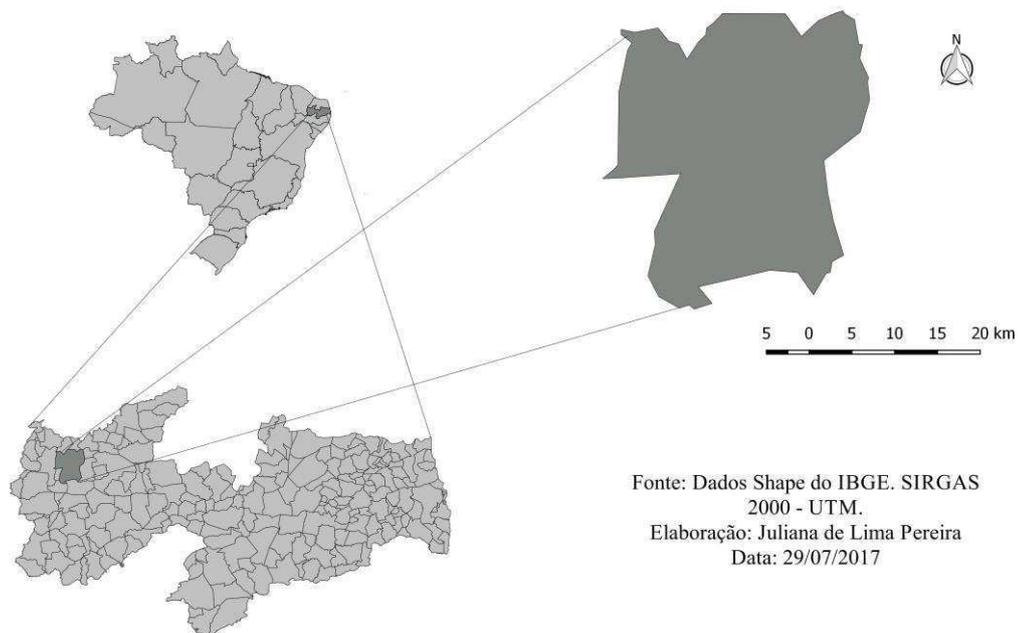
Após a realização da etapa da coleta dos dados, os mesmos foram sistematizados: com a seleção e análise das imagens, elaboração do mapa de identificação da localização dos sítios paleontológicos mapeados, análise e interpretação das observações realizadas e por fim a redação final.

3. CARACTERIZAÇÃO DE SOUSA E DO VALE DOS DINOSSAUROS – PB

3.1 SOUSA – PB

O município de Sousa está situado no extremo Oeste do Estado da Paraíba e fica inserido na microrregião de Sousa e na mesorregião do Sertão Paraibano, limita-se a norte com os municípios de Vieirópolis, Lastro e Santa Cruz, a sul com Nazarezinho e São José da Lagoa Tapada, a leste Aparecida e São Francisco e a oeste São João do Rio do Peixe e Marizópolis, todos os municípios limítrofes pertencem ao Estado da Paraíba. De acordo com o IBGE através dos dados do Censo Demográfico de 2010 a cidade tinha uma população de 65.803 habitantes com estimativa para 2016 de aproximadamente 69.196 habitantes.

Figura 1: Localização de Sousa – PB.



Fonte: Pereira (2017).

O clima predominante de acordo com a classificação climática de Koppen é o AW' que se caracteriza por ser quente e semiúmido com chuvas de verão-outono; média térmica anual superior a 20°C (em média 27°C) e índices pluviométricos anuais entre 700 e 1.200 mm (LIMA E HECKENDORFF, 1985). Esse é um clima típico de regiões tropicais, com

temperaturas elevadas e chuvas que apresentam índices variados com ocorrência entre os meses de dezembro e junho.

A vegetação dominante é a Caatinga, que “caracteriza-se pelo conjunto de árvores e arbustos espontâneos, densos, baixos, retorcidos, de aspecto seco, [...] de caráter caducifólio, com raízes profundas; adapta-se a altas temperaturas e a evapotranspiração [...]” (BRANDÃO, 2005, p.66). Portanto, é uma vegetação que se adequou as condições climáticas presentes em sua área de ocorrência, apresentando assim, árvores de pequeno e médio porte, com troncos retorcidos, que perdem suas folhas na estação seca. Vale ainda informar que esta formação vegetal é uma exclusividade brasileira.

Quanto aos tipos de solos encontrados no município de Sousa, a CPRM (2005, p. 3) identifica:

Nos Patamares Compridos e Baixas Vertentes do relevo suave ondulado ocorrem os Planossolos, mal drenados, fertilidade natural média e problemas de sais; Topos e Altas Vertentes, os solos Brunos não Cálcicos, rasos e fertilidade natural alta; Topos e Altas Vertentes do relevo ondulado ocorrem os Podzólicos, drenados e fertilidade natural média e as Elevações Residuais com os solos Litólicos, rasos, pedregosos e fertilidade natural média.

É importante ressaltar que a classificação dos solos no Brasil passou por uma atualização e segundo a nova classificação brasileira de solos, o solo podzólico passou a ser classificado como argissolo, já o litossolo passou a ser classificado como neossolo (EMBRAPA, 2006).

Quanto ao relevo Sousa está inserida na Bacia Sedimentar⁸ do Rio do Peixe e quanto a sua hidrografia faz parte da Bacia Hidrográfica⁹ do Rio do Peixe, esta é uma sub-bacia do Rio Piranhas.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS – PB

O Vale dos Dinossauros se apresenta como um dos principais atrativos turísticos do Sertão Paraibano, em virtude do importante patrimônio paleontológico presente em sua área

⁸ Depressão enchida com detritos carregados das áreas circunjacentes. A estrutura dessas áreas é geralmente composta de estratos concordantes ou quase concordantes, que mergulham normalmente da periferia para o centro da bacia (GUERRA e GUERRA, 2008, p. 77).

⁹ “Conjunto de terras drenadas por um rio principal e seus afluentes” (GUERRA e GUERRA, 2008, p. 76).

de abrangência, que guarda rastros de animais gigantes e pré-históricos que habitaram a região a milhões de anos.

O Vale dos Dinossauros está localizado na Bacia do Rio do Peixe na mesorregião do Sertão Paraibano e abrange uma área de cerca de 700 km² que atinge os municípios de Sousa, Aparecida, Marizópolis, Vieirópolis, São Francisco, São José de Lagoa Tapada, Santa Cruz, Santa Helena, Nazarezinho, Triunfo, Uiraúna, São João do Rio do Peixe e Cajazeiras. Encontra-se registros de pegadas de dinossauros de diferentes espécies e tamanhos, algo em torno de 80 espécies, que datam de cerca de 150 milhões de anos atrás (SEABRA, 2007).

Assim, a área total de abrangência do vale acima citado, não está restrita a um único município, ela ultrapassa os limites da microrregião Sousa e engloba alguns municípios da microrregião Cajazeiras. Esta área é conhecida pelos rastros deixados por diferentes dinossauros, que resistiram ao tempo e na atualidade são objetos de estudo na busca pela compreensão das características climáticas, ambientais e geológicas do passado.

O acervo paleontológico presente no Vale dos Dinossauros vem sendo estudado desde a década de 20 do século XX, primeiramente por Luciano Jacques de Moraes, engenheiro que estava a serviço do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) na região do Nordeste Brasileiro e encontrou rastros em rochas no leito do Rio do Peixe, enviou para análise nos Estados Unidos, mas não recebeu resposta. Anos mais tarde, em 1975, o paleontólogo Giuseppe Leonardi chega a Sousa, para estudar os rastros paleontológicos da região, anos mais tarde (1979 e década de 80) descobriu vários sítios paleontológicos, localizados em Sousa e em outras cidades próximas (LEONARDI; CARVALHO, 2002).

De acordo com os autores, os estudos e análises referentes às pegadas do Vale dos Dinossauros tiveram início na segunda década do século XX e foram intensificadas a partir de 1975, através do importante trabalho desenvolvido por Giuseppe Leonardi, durante os anos que esteve em Sousa e nas cidades circunvizinhas procurando identificar a ocorrência de vestígios pré-históricos.

Ainda sobre o acervo paleontológico presente no Vale dos Dinossauros, 23 sítios paleontológicos foram mapeados em pesquisa de campo realizada nos anos de 2008 e 2009 em sua área de abrangência e o resultado desse trabalho foi publicado em 2011 por Siqueira et al. Dentre esses sítios mapeados, um deles possui pegadas de dinossauros bem como inscrições rupestres (Serrote do Letreiro) ele foi objeto de estudo desta monografia juntamente com dois outros sítios (Passagem das Pedras e Serrote do Pimenta) que possuem apenas pegadas de dinossauros, os três pertencem ao município de Sousa e serão apresentados com mais detalhes no quinto capítulo.

Esses sítios paleontológicos apresentam vestígios de animais que existiram na superfície terrestre a milhões de anos atrás, estes deixaram suas marcas e na atualidade são estudados para fins científicos. Vale salientar que até o momento de conclusão desta pesquisa não foi encontrado fóssil de dinossauro¹⁰ no Vale dos Dinossauros, só pegadas¹¹.

¹⁰ Refere-se a categoria de fósseis, chamada de somatofósseis, que diz respeito aos restos fossilizados dos corpos de organismos (ossos, conchas, etc.) (MENDES, 1988, apud DOMINGOS, 2013, p.23).

¹¹ Pertencem a categoria de fósseis, chamada de icnofósseis, que são os vestígios da atividade biológica do passado (pegadas, ovos e excrementos fossilizados) (MENDES, 1988, apud DOMINGOS, 2013, p.23-24).

4. PALEONTOLOGIA, ARQUEOLOGIA E TURISMO

4.1 PALEONTOLOGIA E TURISMO PALEONTOLÓGICO NO MUNDO

A paleontologia se estabeleceu enquanto ciência no início do século XIX, mas acredita-se que estudiosos já examinavam fósseis há bastante tempo, possivelmente antes do nascimento de Cristo, esta é uma das ideias mais comuns que permeiam a paleontologia.

Ao longo da história paleontológica no mundo é relevante apresentar algumas descobertas importantes que marcaram a paleontologia: em 1824, no Reino Unido, foram descritas a primeira e a segunda espécie de dinossauro, vale salientar que nesta época ainda não existia a palavra dinossauro para identificar espécie; só em 1842, Sir Richard Owen, no Reino Unido cria a expressão dinossauro (lagarto terrível); em 1861, na Alemanha, foi identificado o fóssil da então mais antiga ave conhecida; em 1915, no Egito, são resgatados inúmeros fósseis de dinossauros; em 1940-50 no Brasil, Liewellyn Ivor Price, registra os primeiros fósseis encontrados no país; em 1993, na Argentina é descoberto o maior dinossauro até então; em 1996, na China é descoberto um pequeno dinossauro carnívoro e em 2006, no Brasil é descrito uma espécie de dinossauro carnívoro (SANTOS, 2008b).

Sendo assim, em especial no século XIX e XX, foram realizadas descobertas que muito contribuíram para os estudos paleontológicos no mundo e os países que tiveram conhecimento de seu patrimônio paleontológico, além de colaborarem com a ciência, passaram a ter a possibilidade de planejar a atividade turística, inserindo seus acervos como atrativos turísticos.

Ainda ressaltando o patrimônio paleontológico mundial, faz-se necessário citar a cooperação dos museus, que mostram em seus acervos e exposições, enfoque paleontológico. Estas instituições se espalham por diversos países, a exemplo, de Portugal, Estados Unidos, Japão, Reino Unido e Itália, apresentando vestígios pré-históricos encontrados em seus países e em alguns casos de diferentes partes do planeta. Verifica-se assim, que os museus que apresentam aspecto paleontológico, localizados em diversas partes do planeta são instrumentos que contribuem significativamente para o desenvolvimento e fortalecimento do turismo paleontológico.

No ano de 2016 uma descoberta importante passou a integrar o acervo paleontológico mundial, pois foi encontrada uma das maiores pegadas de dinossauros do mundo, ela possui mais de um metro de comprimento e um ótimo estado de conservação, fica localizada no deserto do Gobi (entre o norte da China e o sul da Mongólia) (QUINTEROS, 2016). Já no

início de 2017, na Austrália foram identificadas 150 pegadas pertencentes a 21 espécies de dinossauros, este foi considerado um achado importantíssimo e sem precedentes até o momento (EBC AGÊNCIA BRASIL, 2017).

Assim, perante os últimos informes, fica evidente que os referidos achados serão objeto de análise da ciência e possivelmente futuros atrativos turísticos de suas regiões, já que apresentam raridades e isso desperta interesses diversos, o que contribui para o desenvolvimento do turismo paleontológico.

Diante disso, em nível mundial alguns países já se destacam pela prática do turismo paleontológico, a exemplo da Argentina, Geórgia e Portugal, esses países desenvolveram infraestrutura, medidas de proteção e investimentos em diversas áreas para permitir a inserção dessa modalidade nas rotas turísticas.

4.2 PALEONTOLOGIA E TURISMO PALEONTOLÓGICO NO BRASIL

O Brasil é um país que apresenta um rico acervo paleontológico, possui vários sítios em diferentes Estados da Federação, vários museus distribuídos pelas regiões do país, todo esse acervo precisa ser preservado, através de políticas de educação ambiental, patrimonial e investimentos públicos. A paleontologia que é a ciência que estuda esse patrimônio pré-histórico está em expansão no Brasil, mas se faz necessário uma maior valorização do acervo em questão.

Os registros a respeito da Paleontologia, enquanto ciência teve início no século XIX no Brasil, através dos estudos do cientista dinamarquês Piter Wilhelm Lund, que inicialmente desenvolveu seus estudos na região de Lagoa Santa – Minas Gerais e depois expandiu sua atuação pelo interior do país. As pesquisas e descobertas de Lund foram tão significativas que ele ficou conhecido como o pai da paleontologia brasileira, depois das suas contribuições, cientistas europeus e brasileiros colaboraram com os estudos paleontológicos no Brasil (SANTOS, 2008a).

Sendo assim, pode-se verificar, que a sistematização da paleontologia no Brasil, enquanto ciência aconteceu no século XIX e desde então, as pesquisas a cerca do acervo paleontológico nacional, tem acontecido gradativamente com a colaboração de estudiosos internacionais e nacionais. Conforme Nascimento, Schobbenhaus e Medina (2008, p.152):

No Brasil, são inúmeros os sítios paleontológicos com enfoque turístico, destacando-se Chapada do Araripe (CE-PE), Vale dos Dinossauros (PB), Parque dos Dinossauros (MG), Floresta Petrificada do Rio Grande do Sul,

Floresta Petrificada do Tocantins Setentrional, rica fauna pleistocênica da serra da Capivara (PI), dentre muitos outros.

De acordo com os autores, o Brasil possui muitos sítios paleontológicos voltados para a atividade turística e estes se encontram distribuídos em diferentes regiões do país, o que fortalece o turismo, por se apresentarem como atrativos e contribui para inserir ainda mais, o patrimônio paleontológico nos roteiros turísticos.

O patrimônio paleontológico e geológico presente na Bacia do Araripe é tão significativo que foi reconhecido pela UNESCO e se tornou o primeiro e até o momento de elaboração deste trabalho, o único Geoparque nacional, intitulado de Geoparque Araripe, criado em 2006 e passou a fazer parte da Rede Mundial de Geoparques.

Continuando a exposição do patrimônio paleontológico brasileiro, é interessante apresentar os museus, presentes nas cinco regiões do país, que exibem a diversidade de fósseis encontrados em nosso território, de diferentes espécies e períodos geológicos. Mesmo possuindo museus distribuídos nas regiões brasileiras, estes ainda se apresentam em número reduzido, veja o que afirma Pássaro, Hessel e Nogueira Neto (2014, p. 50), “[...] o acervo de fósseis no Brasil ainda é pequeno em relação ao seu potencial e em comparação com similares instituições internacionais”.

Sendo assim, mesmo com as exposições de diversos fósseis em museus nacionais, estes ainda se apresentam em pequena quantidade se comparados com o seu potencial e se levar em consideração o padrão de estabelecimentos semelhantes de nível internacional.

Dentre os museus que apresentam acervos paleontológicos no Brasil, podem ser citados: Museu Nacional e Museu de Ciências da Terra (RJ); Museu de Paleontologia da URCA em Santana do Cariri e Museu do Ceará (CE); Museu dos Dinossauros (MG); Museu das Culturas Dom Bosco (MS) e Museu Paraense Emílio Goeldi (PA).

Diante dos museus paleontológicos brasileiros, é relevante destacar o Museu de Paleontologia da URCA em Santana do Cariri (CE), em virtude da importância do seu rico acervo paleontológico para a ciência e para o turismo, e por ser o museu mais próximo da área objeto de estudo desta monografia. O museu em questão expõe fósseis de diferentes espécies de vertebrados encontrados na região da bacia do Araripe.

É importante ressaltar que os sítios paleontológicos (que permitem a visitação), os museus e no caso brasileiro o Geoparque Araripe são locais que viabilizam o desenvolvimento do turismo paleontológico, já que reúnem fósseis e informações do passado de seres extintos que povoaram a Terra. Assim, diante do potencial paleontológico presente

em nosso país alguns estados vem se destacando na prática do segmento em discussão, a exemplo de Minas Gerais, Rio do Grande do Sul (com a Rota Paleontológica) e o Ceará.

Em suma, tanto os geoparques, quanto os museus são importantíssimos para difundir a ideia de valorização e preservação do acervo paleontológico, assim como para possibilitar o fortalecimento da atividade turística, em especial para o turismo paleontológico, já que, estes são ambientes que despertam o interesse das pessoas em conhecê-los, em virtude das belezas, das descobertas, do conhecimento, das raridades, enfim das riquezas pré-históricas que apresentam.

4.3 PALEONTOLOGIA E TURISMO PALEONTOLÓGICO NA PARAÍBA

No Estado da Paraíba, situado na região Nordeste do Brasil, está localizado um acervo paleontológico bem interessante para a ciência e para a atividade turística, pois se diferencia de outros acervos, já que é conhecido, pelas pegadas de dinossauros que possui, sem ter sido encontrado até o momento, partes fossilizadas do corpo desses animais.

Isso é confirmado por Santos (2008b, p. 44), no território paraibano, “[...] não foi encontrado, até o momento, nenhum fóssil de dinossauro, apenas pegadas [...] fossilizadas, todas no Sertão Paraibano, na região de Sousa e circunvizinhanças”.

Portanto, essas pegadas são sinais de que esses animais habitaram áreas do território paraibano a milhões de anos e na atualidade são atrativos turísticos e objeto de estudo de várias ciências, já que estes foram animais pré-históricos e extintos, mas que habitam o imaginário de muitas pessoas, despertando assim, o interesse por informações sobre os mesmos. É importante ressaltar que as pegadas fossilizadas, encontradas em Sousa – PB é objeto de análise deste trabalho, na perspectiva de levantar suas potencialidades turísticas.

Ainda sobre a paleontologia na Paraíba, na região polarizada por Campina Grande, estudiosos encontraram em lagoas Pleistocênicas, ou seja, em lagoas com formação em época geológica mais recente do que a que viveram os dinossauros, fósseis de animais gigantes, a exemplo de preguiças e mastodontes. Estes artefatos foram encontrados em três lagoas: Lagoa de Dentro, localizada em Campina Grande/Puxinanã; Lagoa Salgada, situada no município de Areal e Lagoa de Pedra em Esperança (SANTOS, 2008a).

Assim, a paleontologia paraibana apresenta acervos com características, de eras e épocas geológicas distintas. As lagoas Pleistocênicas datam de época mais recente da história da Terra, enquanto que as pegadas de dinossauros são vestígios pré-históricos mais antigos, do período Cretáceo.

Essa diversidade é importante, pois apresenta diferentes opções para os interessados nessa linha de pesquisa e aos turistas em geral e de modo especial aos que praticam a modalidade turismo paleontológico. Diante do potencial paleontológico paraibano, essa modalidade ainda não está consolidada, faz-se necessário planejamento e pesquisas para inseri-lo como atrativo turístico e buscar ações de preservação desse patrimônio.

4.4 ARQUEOLOGIA E TURISMO ARQUEOLÓGICO NO MUNDO

A arqueologia se estabeleceu enquanto ciência no século XVIII e como se sabe ela investiga os indícios de diferentes civilizações humanas, esses sinais são conhecidos por sítios arqueológicos e esses são atrativos turísticos, que impulsionam uma modalidade que vivencia uma crescente expansão, o turismo arqueológico, conforme conceito já apresentado.

Em quase todo o mundo são encontrados inúmeros sítios arqueológicos o que potencializa a prática da referida modalidade, dentre este acervo é importante ressaltar que o turismo arqueológico acontece nos sítios onde as condições para a visita são atendidas, (infraestrutura, acessibilidade, planejamento turístico e outros).

Na atualidade a prática do turismo arqueológico tem se expandido, a inclusão do patrimônio arqueológico como atração turística já é uma realidade em alguns países do mundo. De acordo com Veloso e Cavalcanti, (2007, p. 159), “em países como a Espanha, Portugal, Egito, México, Peru, Bolívia, Itália, Grécia e outros o turismo arqueológico é explorado, [...] podem se tornar uma alternativa para a geração de renda em função da visita anual de milhares de turistas”.

Sendo assim, esses países valorizaram seu acervo arqueológico e os apresentam como atrativos turísticos desenvolveram políticas de investimentos, preservação e divulgação de seus importantes patrimônios, proporcionando ao turista mais uma opção de segmento turístico em seus territórios e para a população local além de atividades educativas e ambientais, a melhoria na qualidade de vida, com a geração de emprego e renda.

4.5 ARQUEOLOGIA E TURISMO ARQUEOLÓGICO NO BRASIL

O Brasil possui muitos sítios arqueológicos, conseqüentemente apresenta um grande patrimônio arqueológico, mas a grande maioria desses sítios não é projetada para o desenvolvimento da atividade turística o que dificulta o crescimento do turismo arqueológico em nosso país.

Apesar do acervo arqueológico brasileiro, o turismo arqueológico é uma modalidade que ainda não se disseminou, mas apesar de:

[...] não ser amplamente difundido [...] e não estar consolidado em nosso país observou-se exemplos bem sucedidos e que certamente poderão ser tomados com modelos com vistas a contribuir para alavancar o crescimento e desenvolvimento desta atividade no país (VELOSO; CAVALCANTI, 2007. p. 166).

Assim, os autores afirmam que mesmo não sendo um segmento turístico consolidado no Brasil, os modelos existentes de turismo arqueológico, poderão ser adotados como referência e implantados em outros sítios arqueológicos, isso contribui para a ampliação da atividade turística no país e fortalece a modalidade em questão.

Um dos mais importantes exemplos de turismo arqueológico adotado no Brasil refere-se a Serra da Capivara (Piauí), isso acontece em virtude de uma grande quantidade de sítios arqueológicos presentes em sua área de abrangência e de forte planejamento turístico. Esse exemplo ficou conhecido em todo país e poderia ser projetado e implantado em outros sítios, desde que sejam elaborados estudos para cada caso. É bem verdade, que na atualidade a Serra da Capivara tem passado por uma série de problemas, mesmo assim, ainda é referência no país.

É importante apresentar outros locais no país com ocorrência do turismo arqueológico: Serranópolis (GO); Saquarema (RJ); Pontal do Paraná (PR); Lençóis (BA), dentre outros.

4.6 ARQUEOLOGIA E TURISMO ARQUEOLÓGICO NA PARAÍBA

O Estado da Paraíba possui um vasto potencial turístico, mas todas essas potencialidades não são exploradas, deixa a desejar quando se compara dados estatísticos do turismo paraibano com os de outros Estados do Brasil e quanto às condições básicas para o desenvolvimento de algumas modalidades turísticas, a exemplo do turismo arqueológico. Portanto, sobre as potencialidades arqueológicas paraibanas, Kiyotani, Arruda e Tavares (2015, p.1-2) afirmam que:

A Paraíba [...] mesmo tendo significativo recurso, não tem apresentado êxito na atração e recebimento de turistas desse segmento. As dificuldades de reconhecimento, manutenção e preservação muitas vezes ultrapassam os recursos e a motivação para aproveitar o potencial.

Diante da afirmativa apresentada pelas autoras, o referido Estado, possui uma expressiva potencialidade arqueológica, mas não apresenta saldo positivo quanto à atração e acolhimento de turistas adeptos da modalidade turismo arqueológico e as dificuldades que envolvem custeio, preservação, legalização e infraestrutura supera a expectativa de conhecer este patrimônio.

Na Paraíba o recurso arqueológico que mais se destaca é o Sítio Arqueológico das Itacoatiaras do Ingá, localizado em Ingá, agreste paraibano, este é um sítio de inscrições rupestres, reconhecido nacionalmente e internacionalmente e desafia os pesquisadores quanto a sua autoria. Mesmo com toda a sua importância científica e turística, o sítio em questão não apresenta condições necessárias para o desenvolvimento e fortalecimento do turismo na área, se faz necessário investimento, divulgação, planejamento, preservação.

No sertão paraibano, mais precisamente na área de abrangência do Vale dos Dinossauros, reconhecido pelo seu acervo paleontológico de pegadas de dinossauros, mas que também apresenta sítios arqueológicos em alguns pontos: Serra Branca I e II localizados no município de Vieirópolis; Itacoatiaras de Santa Cruz, localizado na Serra da Miúda no município de Santa Cruz e na localidade Buriti, zona rural de Sousa, o que contribui para as pesquisas e fortalece as potencialidades turísticas da região. Assim, faz-se interessante salientar que esse cenário arqueológico presente em Sousa, será objeto de estudo dessa pesquisa.

Em suma, percebe-se que existe um grande patrimônio arqueológico espalhado por diversos países do mundo, inclusive no Brasil, dentro dos limites de seu território vários sítios arqueológicos são encontrados, até mesmo no Estado da Paraíba. Essa diversidade de acervos arqueológicos potencializa essas áreas como atrativos turísticos, o que torna indispensável medidas de preservação desse patrimônio, já que o mesmo guarda sinais de povos antigos, que são objeto de estudo da ciência, que despertam curiosidades nas pessoas e que são fundamentais para o desenvolvimento da atividade turística.

5. POTENCIAL TURÍSTICO DO VALE DOS DINOSSAUROS - SOUSA– PB

O Vale dos Dinossauros se apresenta como uma área que possui um rico acervo paleontológico, que precisa de mais investimentos, divulgação e planejamento, para ser melhor organizado para a atividade turística. É importante lembrar que o referido Vale não se restringe apenas ao local onde na atualidade encontra-se o Monumento Natural Vale dos Dinossauros já que este é um dos sítios paleontológicos que pertence ao Vale dos Dinossauros e este compreende outros pontos da cidade de Sousa e cidades vizinhas, e são justamente estes outros sítios que precisam de mais atenção da gestão pública, da ciência e da população.

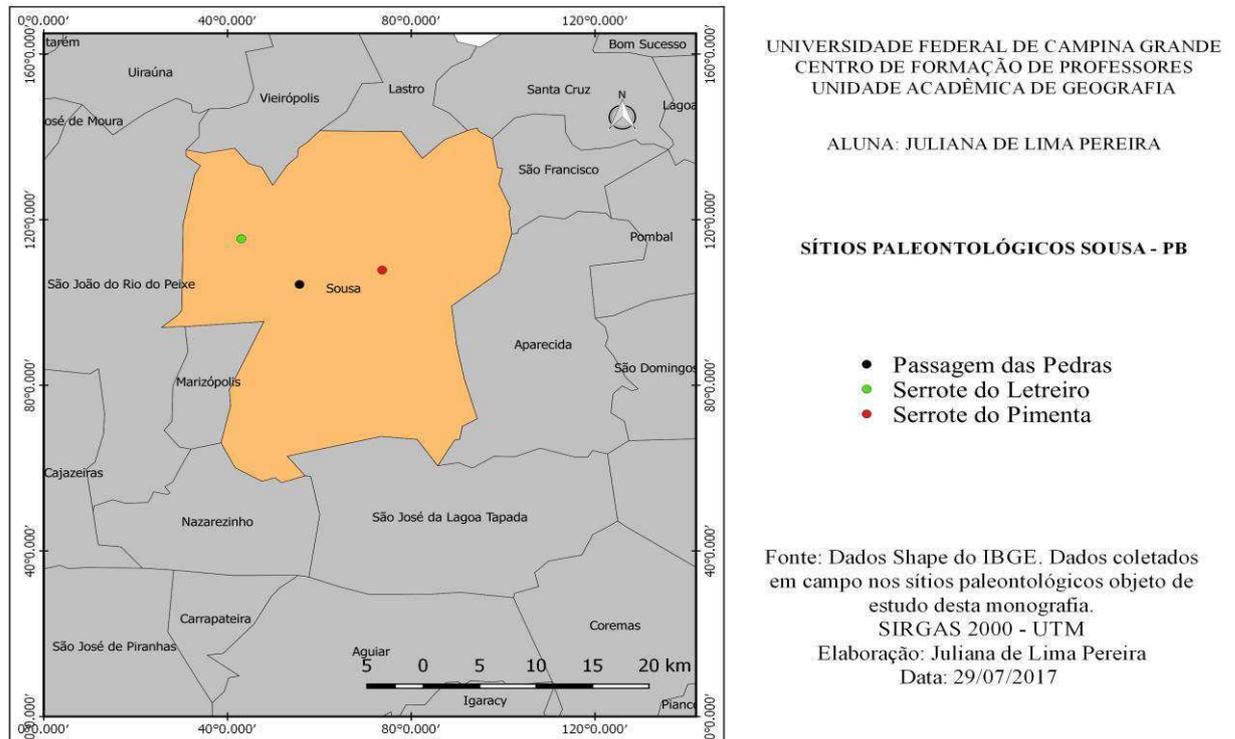
Em virtude do patrimônio presente em toda a área de abrangência do Vale dos Dinossauros, este trabalho procurou ampliar a discussão a respeito do potencial turístico da região, inserindo novos sítios paleontológicos e arqueológicos para visitação. Como já foi dito anteriormente, em toda a área que compreende o Vale dos Dinossauros 23 sítios paleontológicos foram identificados (com potencial para encontrar novos sítios), mas, apenas um deles, recebeu investimentos e infraestrutura para atender os visitantes.

Diante disso, essa pesquisa procurou informações a respeito dos referidos sítios presentes na Bacia do Rio do Peixe, sem se limitar a apenas um deles. A ideia inicial para realização deste trabalho foi identificar, mapear e fotografar todos eles, mas em virtude da grande maioria localizar-se próximo ao leito do Rio do Peixe, não foi possível, pois os sítios se encontravam submersos durante o período da realização da pesquisa de campo, já que as precipitações na região durante o período chuvoso foram significativas.

Outro ponto importante para o não cumprimento da ideia original da pesquisa foi o fato do sítio paleontológico: Serrote da Bênção de Deus, localizado no município de Sousa, não apresentar as condições mínimas de segurança para a realização da pesquisa de campo, pois fica em um local pouco habitado, onde tem crescido os índices de violência.

Diante disso, a monografia em questão abordou apenas três sítios paleontológicos pertencentes à bacia do Rio do Peixe, são eles: Passagem das Pedras, Serrote do Letreiro e Serrote do Pimenta, localizados na zona rural da cidade de Sousa-PB, todos apresentam atrativos turísticos bem interessantes o que amplia as potencialidades da área.

Figura 2: Localização dos Sítios Paleontológicos.



Fonte: Pereira (2017).

5.1 PASSAGEM DAS PEDRAS

Passagem das Pedras é o mais conhecido dentre os 23 identificados no Vale dos Dinossauros - PB situa-se a 7 km da sede do município de Sousa e tem como via de acesso a PB-391 que liga a cidade de Sousa a Uiraúna – PB. No ano de 2002 este sítio passou a ser uma Unidade de Conservação¹² chamada de Monumento Natural Vale dos Dinossauros que possui uma área de 40 hectares.

O referido sítio é conhecido nacionalmente e até internacionalmente e se destaca por apresentar um conjunto de atrativos bem peculiares, a exemplo de uma trilha de pegadas de dinossauros que chama a atenção pela sua extensão e estado de preservação, o que já permitiu ser incluída entre as maiores já identificadas no mundo.

¹² “Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas de jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção” (Sistema Nacional de Unidade de Conservação, 2000, p. 13).

Figura 3: Trilha de pegadas de dinossauros.



Fonte: Pereira (2017)

Outro diferencial desse sítio em relação aos outros dois que são objeto de estudo dessa pesquisa é a presença de infraestrutura que facilita o acesso e o deslocamento do visitante dentro da área de abrangência do sítio. Ele possui placas de sinalização, guias, museu, estacionamento, réplicas de dinossauros, passarelas, quiosques, canal de alívio, portal de acesso e casa do pesquisador.

Figura 4: Portal de acesso ao Monumento Natural.



Fonte: Pereira (2017).

Figura 5: Museu.



Fonte: Pereira (2017).

Figura 6: Réplica de dinossauro.



Fonte: Pereira (2017).

Figura 7: Casa do pesquisador.



Fonte: Pereira (2017).

Diante de tamanha importância científica e turística e da infraestrutura presente, o Monumento Natural do Vale dos Dinossauros precisa de mais atenção do poder público e da comunidade em geral para a manutenção desse patrimônio, já que durante a pesquisa foi observado a presença de bovinos pastando dentro dos seus limites territoriais, o que foge as regras de uma unidade de conservação que no referido caso, deveria ser de proteção integral de seus recursos.

Figura 8: Bovinos pastando no Monumento Natural.



Fonte: Pereira (2017).

5.2 SERROTE DO PIMENTA

O sítio Serrote do Pimenta, fica situado na localidade que possui o mesmo nome, zona rural da cidade de Sousa, dista a aproximadamente 6km da sede do referido município e 10 km do Monumento Natural Vale dos Dinossauros. Quanto ao acesso até o sítio paleontológico, se dá pela rua principal do bairro do Angelim (Sousa) e segue por estrada de terra até a referida localidade, sem nenhuma indicação da existência ou da localização do mesmo durante o trajeto.

O Serrote do Pimenta, fica localizado em uma propriedade privada e não é cobrada taxa para visitação, mas   necessário a autoriza o do proprietário da terra ou do responsável, para chegar até o sítio que apresenta pegadas de diferentes espécies de dinossauros.

Figura 9: Pegadas de dinossauro.



Fonte: Pereira (2017).

Figura 10: Pegadas de dinossauro.



Fonte: Pereira (2017).

As pegadas presentes já foram mais visíveis, a erosão, a inclinação do afloramento rochoso e a falta de preservação têm agravado a situação, além disso, o proprietário da terra cria gado e não existe nenhuma barreira de proteção (ou cerca) que as isole de seu entorno, assim as pegadas ficam expostas e nada impede que o gado as pisoteiem.

Figura 11: Erosão da pegada de dinossauro.



Fonte: Pereira (2017)

Figura 12: Erosão do afloramento onde se encontra as pegadas.



Fonte: Pereira (2017).

Este sítio é riquíssimo quanto à diversidade de pegadas e apresenta um grande potencial a ser explorado, pois ficou evidente durante a pesquisa de campo que seria importante a realização de novas escavações nessa área para encontrar novas pegadas e assim ampliar as potencialidades turísticas do referido sítio e do Vale dos Dinossauros como um todo.

Figura 13: Pegada de dinossauro com escavação incompleta.



Fonte: Pereira (2017).

5.3 SERROTE DO LETREIRO

O sítio Serrote do Letreiro localiza-se na zona rural da cidade de Sousa, na localidade de Buriti, fica a aproximadamente 15 km da sede do município e a 8 km do Monumento Natural Vale dos Dinossauros. O acesso até o referido sítio é feito pela PB-391, segue por uma estrada de terra (sem sinalização) até a entrada principal de acesso ao sítio, que fica em uma propriedade privada.

O sítio em questão apresenta um importante acervo que poderia contribuir para a ciência e o turismo, pois apresenta vestígios paleontológicos e arqueológicos, ou seja, pegadas de dinossauros e inscrições rupestres, dividindo o mesmo afloramento rochoso.

Figura 14: Vestígios paleontológicos ao lado de vestígios arqueológicos.



Fonte: Pereira (2017).

Figura 15: Inscrição rupestre ao lado de pegada de dinossauro.



Fonte: Pereira (2017).

Esse é um cenário raro, já que é comum localizar sítios paleontológicos ou arqueológicos, separadamente, o que o torna “um dos únicos do mundo onde se encontram registros arqueológicos ao lado de pegadas de animais do passado geológico da Terra” (SIQUEIRA et al, 2011, p. 13).

As observações de campo e apoiado na visão de Siqueira et al, tornam esse sítio um espaço para o desenvolvimento não só do turismo paleontológico como Passagem das Pedras e Serrote do Pimenta, mas também do turismo arqueológico já que, apresenta além das pegadas, inscrições rupestres que são heranças de antigos habitantes da região, o que desperta a curiosidade das pessoas em conhecer e buscar informações sobre esse passado, isso potencializa ainda mais esse atrativo turístico.

Em virtude disso, se faz necessário maior atenção para com o referido sítio, pois todo esse patrimônio paleontológico e arqueológico encontra-se sem nenhuma medida de proteção, sem investimentos, sem sinalização, enfim todo esse potencial ainda não apresenta na atualidade as condições básicas para o desenvolvimento turístico, pertinente ao acervo apresentado.

Durante a pesquisa de campo, foi possível constatar que a ausência de medidas protetivas para com o sítio em questão, já apresenta sinais de muita preocupação, pois logo na chegada a propriedade privada (a alguns metros do acervo) é visível o acúmulo de lixo a céu

aberto, o que em breve pode dificultar o acesso ao sítio e traz a tona problemas de ordem ambiental no seu entorno.

Figura 16: Acúmulo de lixo próximo ao acervo.



Fonte: Pereira (2017).

Outro fato é importante citar, as pegadas presentes no Serrote do Letreiro são em alto relevo, mas em virtude da falta de barreira de proteção ou outras medidas protetivas, o desgaste tem se intensificado, pois as pegadas já foram mais visíveis. Além do desgaste natural e da inexistência de proteção, um dado deve ser analisado, pois também contribui para a erosão, “além da sua posição topográfica, em cima de pequeno serrote, o afloramento é inclinado, possibilitando que as chuvas escoem com energia suficiente para arrastar detritos [...], causando conseqüentemente a erosão [...]” (SIQUEIRA et al, 2011, p. 13).

Diante disso, faz-se necessário urgentemente, que o poder público indenize o proprietário da terra e crie ações ou políticas voltadas para a preservação desses registros do passado ou planeje uma parceria entre o poder público e o privado com o mesmo objetivo, assim seria dado o primeiro passo quanto à proteção do patrimônio presente e a partir daí projetar o início de visitas mais frequentes e posteriormente da atividade turística.

Figura 17: Pegada em alto relevo.



Fonte: Pereira (2017).

É relevante informar que as itacoatiaras, segundo relatos, são vestígios de um momento importante do passado, pois foram feitos pelos índios Icós Pequenos, que já habitavam o sertão nordestino (inclusive o que hoje conhecemos como a cidade de Sousa), antes mesmo dos colonizadores europeus, chegarem à região. Esse é outro ponto que deve ser levado em consideração quanto à preservação e divulgação desse sítio, pois além do potencial turístico possui um contexto histórico dos habitantes primitivos da cidade de Sousa.

Figura 18: Inscrição arqueológica.



Fonte: Pereira (2017).

Diante da exposição do acervo paleontológico que apresenta maior incidência na área de estudo e do acervo arqueológico em menor ocorrência, mas não menos importante, faz-se necessário e urgente que a preservação desses patrimônios seja planejada e executada, pois se nada for feito esses vestígios cairão no esquecimento, não receberão a atenção devida nem de pesquisadores, nem da população, assim a região não explora efetivamente o seu atrativo mais significativo.

Assim, em virtude do relevante patrimônio paleontológico e arqueológico presente no Vale dos Dinossauros e estes se apresentarem como um grande atrativo turístico, esta pesquisa propôs além de medidas preservacionistas, a instalação de infraestrutura (principalmente para os sítios que não apresenta nenhuma) que permitam à visitação e conseqüentemente a prática da atividade turística, já que a área possui um acervo com potencialidades para o desenvolvimento da mesma.

Ainda apontando propostas desta pesquisa, foi observado que os três sítios paleontológicos citados como objeto de análise deste trabalho, não são distantes um do outro e cada um apresenta suas peculiaridades, seus atrativos e em virtude disso, propôs a criação de um roteiro turístico que inclua os sítios: Passagem das Pedras, Serrote do Letreiro e Serrote do Pimenta, o trajeto entre eles seria executado de carro ou moto, preferencialmente no período diurno, já que as temperaturas são mais amenas, tendo em vista as condições climáticas da região e poderia ser realizado em quase todos os meses do ano, com exceção daqueles que apresentarem um regime de chuvas mais rigoroso, pois o acesso até o Serrote do Pimenta fica vulnerável diante dessa condição.

Após analisar o potencial dos três sítios pesquisados, percebe-se que apesar de Passagem das Pedras já possuir infraestrutura e ser conhecido internacionalmente por seu acervo paleontológico, os outros dois sítios também apresentam um patrimônio significativo, o que coloca ainda mais em destaque o Vale dos Dinossauros, pois eles possuem atrativos que ampliam as modalidades turísticas que poderiam se desenvolver na região, o que contribuiria para inseri-lo nas rotas de turismo nacional e regional, isso geraria emprego e renda para a população residente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa percebe-se que o objetivo proposto foi alcançado, com o auxílio da fundamentação teórica e metodologia, já que o potencial turístico do Vale dos Dinossauros em Sousa - PB foi analisado e ficou perceptível que o patrimônio paleontológico presente nos três sítios estudados e o patrimônio arqueológico presente em apenas um deles, é da maior relevância para o desenvolvimento da atividade turística, pois o turismo paleontológico e arqueológico vem ganhando mais adeptos no mundo e no Brasil, assim em virtude do potencial nacional poderá ganhar mais simpatizantes, isso permitirá incluir a Paraíba e em especial Sousa nos roteiros turísticos. Para tanto, faz-se necessário planejamento, infraestrutura e divulgação.

Com sugestão dessa pesquisa para estudos futuros sobre o Vale dos Dinossauros, seria interessante a elaboração de outro roteiro turístico, desta vez que seja mais abrangente, que inclua o maior número de sítios paleontológicos, se possível todos passíveis de visitação. Seria conveniente realizá-lo apenas nos meses em que as águas do Rio do Peixe estejam permitindo visualizar as pegadas próximas ao seu leito, evitando assim, o contratempo de programar visitas nos meses chuvosos e encontrá-las submersas como aconteceu durante a pesquisa de campo desta monografia.

Sendo assim, os roteiros turísticos seriam imprescindíveis para divulgar e fortalecer as potencialidades turísticas do Vale dos Dinossauros, sem restringir ou limitar este patrimônio a um único sítio paleontológico, mas mostrar a dimensão e a importância do seu acervo como um todo. Eles também seriam importantes para a permanência do visitante por mais tempo na região, pois na atualidade estes ficam um tempo mínimo de algumas horas e retornam aos seus destinos de origem. A execução desses roteiros poderia permitir ainda a participação da comunidade residente neste projeto, o que possibilitaria uma alternativa de geração de emprego e renda e conseqüentemente melhoria na qualidade de vida dos mesmos.

Outra sugestão para a área em discussão seria a elaboração de um projeto para a criação de um geoparque, a execução do mesmo contaria com a contribuição de profissionais e instituições responsáveis. Este projeto seria criado ressaltando a importância e preservação de todo o patrimônio seja ele paleontológico e/ou arqueológico presente no Vale dos Dinossauros - PB.

As sugestões propostas neste trabalho objetivam refletir sobre a preservação do patrimônio existente no Vale dos Dinossauros – PB e a partir de então, planejar e explorar as

potencialidades turísticas presentes, acrescenta-se a isso projetos de infraestrutura, parcerias entre as instituições e divulgação, isso viabilizaria a prática do turismo.

REFERÊNCIAS

_____. **Cartilha educativa de pré-história para principiantes**. João Pessoa: JRC Gráfica e Editora, 2008b.

_____. Geografia do turismo: novos desafios. In: TRIGO, L. G. G. (Org.). **Turismo: Como aprender, como ensinar**. 3 ed. São Paulo: Senac, 2003. p. 87-122. Disponível em: <http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/caderno_18_2ed.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2017.

ALMEIDA, M. V. **Matriz de Avaliação do Potencial Turístico de Localidades Receptoras**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARBOSA, L. G. M. (Org.). **Estudo de competitividade de produtos turísticos**. Brasília, DF: SEBRAE, 2011. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Estudo_de_Competitividade_de_Produtos_Turxsticos.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Turismo).

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 10. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

BRANDÃO, M. H. M. **Índice de degradação ambiental na Bacia Hidrográfica do Rio do Peixe – PB**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Livro_Ecoturismo.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. EMBRATUR Instituto Brasileiro de Turismo.

BRASIL. Sistema Nacional de Unidades de Conservação: texto da Lei 9.984 de 18 de julho de 2000.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Sousa, estado da Paraíba**. MASCARENHAS, J. C. et al. (Org.). Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/16424/Rel_Sousa.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 ago. 2017.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

DOMINGOS, S. C. C. **O Paleoturismo em Portugal: proposta de modelo de enquadramento e valorização turística do patrimônio paleontológico**. Dissertação de Mestrado – Instituto Politécnico de Tomar, [S. I], 2013.

EBC AGÊNCIA BRASIL. Cientistas identificam 150 pegadas de 21 espécies de dinossauros na Austrália. **EBC Agência Brasil**, Brasília, 27 de Mar de 2017. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2017-03/cientistas-identificam-150-pegadas-de-21-especies-de-dinossauros>>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2006. Disponível em: <<https://www.agrolink.com.br/downloads/sistema-brasileiro-de-classificacao-dos-solos2006.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. **Glossário de Turismo**. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/glossario-do-turismo/901-t.html>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GUIMARÃES, M. L. G. **Projeto Sítios Paleontológicos**. [S.I.]: CPRM, 2000. Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/14340/rli_projeto_sitios_paleontologico_s.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 jul. 2017.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Paraíba: Sousa**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251620&search=paraibalsousahttp://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251620&search=paraibalsousa>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

KIYOTANI, I. B.; ARRUDA, L. F.; TAVARES, A. Arqueoturismo: o uso turístico das Itacoatiaras do Ingá/PB. In: XII SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 2015, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2015. Disponível em: <<http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/sumario.html>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

LEONARDI, G.; CARVALHO, I. S. Icnofósseis da Bacia do Rio do Rio do Peixe, PB: o mais marcante registro de pegadas de dinossauros do Brasil. In: SCHOBENHAUS, C.; CAMPOS, D. A.; QUEIROZ, E. T.; WINGE, M.; BERBERT-BORN, M. L. C. (Ed.). **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Brasília: DNPM, 2002. p. 101-111. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/sitio026/sitio026.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

LIMA, P. J.; HECKENDORFF, W. D. Climatologia. In: Governo do Estado da Paraíba. Secretaria de Educação. UFPB. **Atlas geográfico do Estado da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 1985.

MANZATO, F. Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. [S.I.], v. 5, n.1, p. 99-109, 2007. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/5107/PS080107.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NASCIMENTO, M. A. L.; SCHOBENHAUS, C.; MEDINA, A. I. M. Patrimônio geológico: turismo sustentável. In: SILVA, C. R. **Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro**. Rio de Janeiro: CPRM, 2008. p. 147-162. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/media/geodiversidade_brasil.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Introdução ao turismo. [S.I]: Roca, 2001.

PAIVA, M. G.M. V. **Sociologia do Turismo**. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Turismo).

PÁSSARO, E. M.; HESSEL, M. H.; NOGUEIRA NETO, J. A. Principais acervos de Paleontologia do Brasil. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**. Rio de Janeiro, v.37, p. 48-59, 2014. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/2014_2/2014_2_48_59.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 4. ed. São Paulo: Rêspel, 2012.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

QUINTEROS, M. Encontrada uma das maiores pegadas de dinossauros do mundo. **El País Brasil**, Madrid, 18 Out. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/07/ciencia/1475853275_917230.html>. Acesso em: 04 ago. 2017.

RIBEIRO, L. C. B.; WINTER, C. V. P.; MARTINELLI, A. G.; MACEDO NETO, F.; TEIXEIRA, V. P. A. O patrimônio paleontológico como elemento de desenvolvimento social, econômico e cultural: Centro Paleontológico Price e Museu dos Dinossauros, Peirópolis, Uberaba (MG). **Paleontologia: Cenários de Vida**, p. 765-774, [2011]. ISBN 978-85-7193-274-6. Disponível em: <<https://www.zebu.org.br/PortalUploads/Docs/1306.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

RODRIGUES, A. B. Desafios para os estudiosos do turismo. In: _____. **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17-32.

SALES, E. J. C. G. A teoria geográfica nos estudos do turismo: elementos teórico-metodológicos. In: GODOY, P. R. T. (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 277-289. Disponível em: <http://www.creasp.org.br/biblioteca/wp-content/uploads/2012/05/Historia_do_pensamento_geografico.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2017.

SANTOS, J. S. **Ensaio de Paleontologia Geral e da Paraíba**. João Pessoa: JRC Gráfica e Editora, 2008a.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. 7. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SEABRA, G. **Turismo sertanejo**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SIQUEIRA, L. M. P. et al. Sítios Paleontológicos das Bacias do Rio do Peixe: Georreferenciamento, Diagnóstico de Vulnerabilidade e Medidas de Proteção. **Anuário do Instituto de Geociências**, vol. 34, n. 1, p. 09-21, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/6812>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

SNUC Sistema Nacional de Unidades de Conservação: texto da Lei 9.985 de 18 de julho de 2000 e vetos da presidência da República ao PL aprovado pelo Congresso Nacional. 2. ed. São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2000. Disponível em: <http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/caderno_18_2ed.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2017.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.77-116.

VELOSO, T. P. G.; CAVALCANTI, J. E. A. O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. **Revista de Arqueologia**, v. 20, p. 155-168, 2007. Disponível em: <<http://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/232/217>>. Acesso em: 11 jul. 2017.